

Dart é 4º maior credor

O maior entrave à negociação do Brasil com os bancos credores é a família Dart, um poderoso, discreto e implacável grupo americano, que comprou US\$ 1,4 bilhão em títulos da dívida externa brasileira, tornando-se o quarto maior credor do país.

Avessos à imprensa, os Dart são donos de um império de US\$ 1 bilhão, mas não figuram em nenhuma lista de bilionários americanos, como as publicadas pelas revistas *Forbes* e *Fortune*.

A história da família começou em 1869, quando James Dart saiu de Nova Iorque e mudou-se para Lansing, em Michigan, onde fundou uma marcenaria e serraria. Oportunista, conseguiu o posto de xerife na localidade de Ingham, próxima a Lansing.

Depois de se aposentar, o velho James iniciou a linhagem dos Dart em Mason, também em Michigan. Mas o império da família começou mesmo com William A. Dart que, após se formar em Engenharia, abriu, junto com o pai, uma indústria de plástico. Levaram dois anos e meio desenvolvendo equipamentos para moldar copos de poliestireno e conseguiram fazer um produto de melhor qualidade, em menos tempo e muito mais barato. Resultado: arrasaram a concorrência e se tornaram uma corporação que cresce desde os anos 60.

Isopor — Atualmente, a sede do grupo é a Dart Container Corporation, uma fábrica de isopor sediada em Sacramento, na Flórida. Mas essa empresa é mais um disfarce de um grupo que tem interesses muito maiores e cujas ordens partem da pequena Mason, em Michigan, uma cidade com 25 mil habitantes, onde o grupo nasceu e até hoje mora William A. Dart, o chefe do clã.

Os Dart atuam em áreas tão diversas quanto petróleo, imóveis, seguros e mercado financeiro, além do setor de plástico. Como

as empresas dos Dart são todas de capital fechado, eles não são obrigados legalmente a dar satisfação a ninguém sobre suas atividades. Os últimos números conhecidos do grupo são de 1986, quando a sede foi transferida para Sacramento. As autoridades de Michigan constataram que os Dart tiveram lucros excedentes de US\$ 112 milhões após 22 anos, seu estoque de ações valia US\$ 110 milhões e suas reservas eram de US\$ 184 milhões.

De todos os membros da família, até hoje o único que falou com a imprensa foi Tom Dart, filho de William A. Dart, que fez fortuna no ramo imobiliário e petrolífero e já ousou processar pai, mãe e dois irmãos devido a divergências sobre antigas heranças.

Estratégia — Ele explicou que o investimento em títulos da dívida brasileira obedeceu a uma estratégia bem definida, visando a fugir dos altos impostos cobrados nos Estados Unidos. Os Dart compraram os títulos aos poucos e de forma tão discreta que ninguém percebeu. Assessorados provavelmente pelos estrategistas da Salomon Brothers, uma das maiores corretoras dos EUA e na qual detêm 6% das ações, também compradas discretamente, os Dart optaram pelos bônus de capitalização na negociação do pacote da dívida externa brasileira. Esses papéis não possuem garantia, mas têm conversão pelo valor de face, com juros iniciais de 4% ao ano, subindo gradativamente, no prazo de seis anos, até 8%.

Essa opção contraria o desejo do Brasil, que havia combinado com o comitê dos bancos credores a conversão de pelo menos 35% da dívida em bônus de desconto. A proposta dos Dart é simples. Querem revender a totalidade dos papéis em seu poder, sem desconto. Se conseguirem, devem lucrar US\$ 230 milhões.